JORNAL DA
AdUFRJ

Nº 1086 · 31 de maio de 2019 · www.adufrj.org.br · TV ADUFRJ: youtube.com/adufrj

GIULIA VENTURA



GEODIVERSIDADE
Dissertação de mestrado pesquisa peças e interação com visitantes de museu localizado no Instituto de Geociências, no Fundão

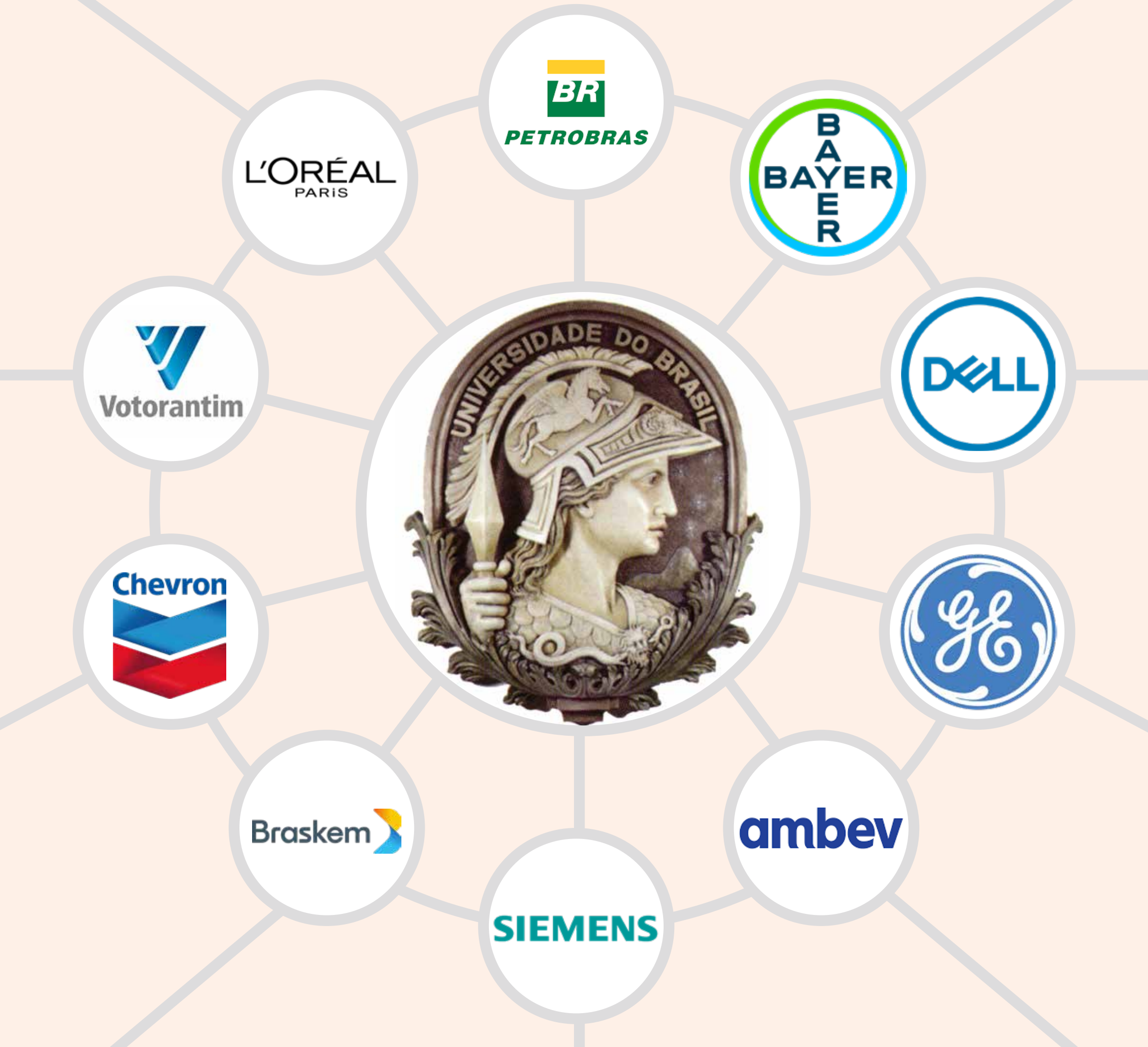
Página 8

ASSINADA A NOMEAÇÃO DE REITORA DA UFRJ

Página 7

UFRJ S.A.

Ministro da Educação desconhece que universidades já fazem muitas parcerias com o mercado e há muito tempo. Maior federal do país, UFRJ é exemplo de pioneirismo e inovação **Páginas 4 e 5**



A SEMANA

O OVO DA SURUCUCU

DIRETORIA

Um dos aspectos destacados pelas variadas análises da manifestação bolsonarista ocorrida em 26 de maio foi a aparente contradição entre certas pautas sonoramente esbravejadas. Pelo menos duas batiam cabeça com estrondo: reforma da previdência – radical e urgente – e pau nos deputados que a defendem no Congresso (Rodrigo Maia em particular). Contradição aparente que mal disfarça a tendência autoritária que o governo e parte significativa de seus apoiadores demonstram.

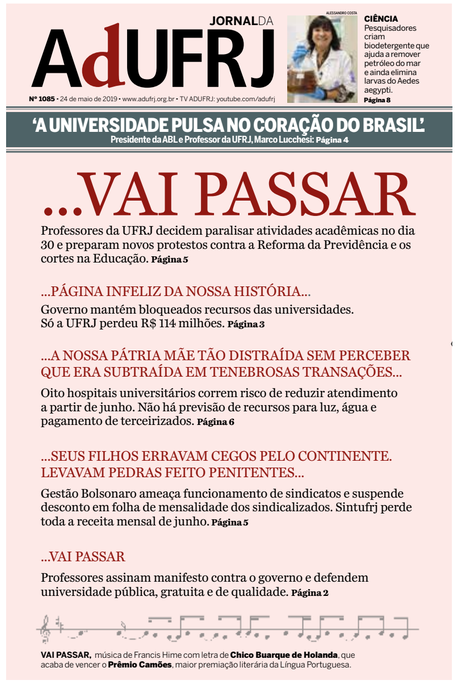
Fascismo é um conceito complexo que habita enfoques diversos nas Ciências Sociais, como adverte o verbete escrito por Edda Sarcomani para o respeitado Dicionário de Política editado por Norberto Bobbio em 1983. A própria autora reconhece, porém, que é convergente entre os estudiosos a admissão de uma forte relação entre o fenômeno fascista e o capitalismo em contexto de crise, ainda que a convergência não contemple a natureza dessa relação.

Controvérsias à parte, mais atinentes ao meio acadêmico do que à militância política, o fato é que o termo fascismo vem sendo usado com frequência pelos opositores às medidas arbitrárias, coercitivas e deletérias do Presidente da República. E com pertinência, sem dúvida, no que concerne não só à educação, à pesquisa científica e à cultura, como também ao meio ambiente, à sobrevivência das populações indígenas, aos direitos dos trabalhadores, e por aí vai.

Fascistização, golpismo no ar, insegurança jurídica, marcha para a insensatez... A preferência por essa ou aquela expressão depende da tonalidade do colunista. Entretanto, o alerta que todas sugerem tem sido recorrente na imprensa: o trem pode sair dos trilhos, e a incongruência governamental joga nesse sentido. Acontece que a balbúrdia de pautas – e de discursos – no governo Bolsonaro não é tão bizarra como parece. Na América Latina, a simbiose entre ditadura e mercado teve no Chile de Pinochet sua mais perfeita tradução. O general privatizou a previdência, a saúde e o que mais encontrou pela frente, durante o mais sangrento dos regimes de exceção vigentes no Continente nos anos 70 e 80.

No filme O Ovo da Serpente, de 1977, Ingmar Bergman retrata com maestria, paralelamente à triste trajetória pessoal dos personagens, a conjuntura que precedeu a ascensão do nazi-fascismo em Berlim, na década de 20 do século passado. Desemprego, criminalidade, violência, ódio, desigualdades, guerra ao saber... Semelhança é mera coincidência? A versão brasileira carnavaliza sem, contudo, eliminar o perigo de uma situação cujas especificidades não autorizam negar inteiramente a presença de traços comuns. O Ministro da Educação protagoniza a performance grotesca dessa semana, a do guarda-chuva, ao mesmo tempo em que incentiva estudantes a denunciarem os professores que foram às ruas protestar contra os cortes na educação.

Se a referência ao musical americano Cantando na Chuva (de 1952) revela o lado atrozmente ridículo do ovo nativo, a menção ao drama sueco serve para lembrar que a História, como observou outro autor tão famoso quanto Gene Kelly (e não Fred Astaire), se repete não só como farsa, mas como tragédia.


JORNALDA AdUFRJ
Nº 1085 • 24 de maio de 2019 • www.adufrj.org.br • TV ADUFRJ: youtube.com/adufrj

CIÊNCIA Pesquisadores criam biodetergente que ajuda a remover petróleo do mar e ainda elimina larvas do Aedes aegypti. **Página 8**

'A UNIVERSIDADE PULSA NO CORAÇÃO DO BRASIL'
Presidente da ABL e Professor da UFRJ, Marco Lucchesi: **Página 4**

...VAI PASSAR

Professores da UFRJ decidem paralisar atividades acadêmicas no dia 30 e preparam novos protestos contra a Reforma da Previdência e os cortes na Educação. **Página 5**

...PÁGINA INFELIZ DA NOSSA HISTÓRIA...
Governo mantém bloqueados recursos das universidades. Só a UFRJ perdeu R$ 114 milhões. **Página 3**

...A NOSSA PÁTRIA MÃE TÃO DISTRAÍDA SEM PERCEBER QUE ERA SUBTRAÍDA EM TENEBROSAS TRANSAÇÕES...
Oito hospitais universitários correm risco de reduzir atendimento a partir de junho. Não há previsão de recursos para luz, água e pagamento de terceirizados. **Página 6**

...SEUS FILHOS ERRAVAM CEGOS PELO CONTINENTE. LEVAVAM PEDRAS FEITO PENITENTES...
Gestão Bolsonaro ameaça funcionamento de sindicatos e suspende desconto em folha de mensalidade dos sindicalizados. Sintufrj perde toda a receita mensal de junho. **Página 5**

...VAI PASSAR
Professores assinam manifesto contra o governo e defendem universidade pública, gratuita e de qualidade. **Página 2**

VAI PASSAR, música de Francis Hime com letra de **Chico Buarque de Holanda**, que acaba de vencer o **Prêmio Camões**, maior premiação literária da Língua Portuguesa.

IMAGEM DA SEMANA



SEM A LEVEZA DE GENE KELLY

O ministro gravou dois vídeos esta semana que deram o que falar: no primeiro, atacou os professores; no segundo, disparou acusações contra a UFRJ no caso do Museu Nacional.

OBSERVATÓRIO



O OBSERVATÓRIO DO CONHECIMENTO, através da AdUFRJ, e em parceria com o Centro Acadêmico da ECO e o Centro Acadêmico de Direção Teatral realizam na sexta-feira, 7 de junho, a Maratona Digital em Defesa da Educação.
O objetivo da Maratona é reunir interessadas/os em produzir conteúdos digitais que serão divulgados nas redes sociais, fortalecendo a campanha em defesa da educação pública e contra os cortes do MEC e preparar as mobilizações do dia 14 de junho. O evento ocorre das 10h às 17h, no campus da Praia Vermelha e é aberto para estudantes de todos os cursos e para toda comunidade da UFRJ. O local será informado no Facebook da Adufrj.
Inspirada nas Hackatonas (maratonas hackers), o evento terá a seguinte dinâmica: o Observatório do Conhecimento oferecerá um conjunto de temas e as/os participantes desenvolverão cards, memes, gifs, vídeos ou outras peças digitais a serem trabalhadas nas redes sociais. Ao final do evento, serão sorteados pen drives e um HD externo de 1 terabyte. Ao longo da Maratona, haverá alimentação e bebidas para as/os presentes.

AGENDA

06/06
13H30
ASSEMBLEIA MULTICAMPI
Será em três locais. Reunião vai decidir sobre participação dos professores na greve geral do dia 14 de junho

14/06
GREVE GERAL CONTRA A REFORMA DA PREVIDÊNCIA
Centrais sindicais e movimentos sociais querem parar o país contra a reforma da previdência do governo Bolsonaro

FOTOS: FERNANDO SOUZA

30M LEVA 1 MILHÃO ÀS RUAS DO PAÍS



SILVANA SÁ
silvana@adufrj.org.br

A educação mais uma vez mostrou sua força no dia 30 de maio. As ruas do Rio de Janeiro e de outros 25 estados ficaram pintadas de cores e frases em defesa da Educação e contra a reforma da Previdência. A estimativa é que pelo menos um milhão de pessoas participaram dos atos em todo o país. No Rio, o 30M reuniu mais de cem mil manifestantes, segundo os organizadores. Professores, estudantes, servidores e movimentos sociais caminharam da Candelária até a Cinelândia. A imprensa internacional repercutiu os atos, com destaque para os cartazes produzidos pela AdUFRJ em parceria com o Observatório do Conhecimento. O protesto foi manchete do jornal The Guardian.

Desde a manhã, a UFRJ realizou atividades no Largo do São Francisco, em frente ao prédio do IFCS. A AdUFRJ organizou com a comunidade acadêmica debates, aulas públicas, rodas de conversa e apresentações culturais para mostrar à população a produção da universidade.

Enquanto a praça era ocupada pelo conhecimento, o ministro da Educação, Abraham Weintraub, divulgava uma nota encorajando pais e estudantes a denunciarem educadores que tivessem "coagido" alunos a participarem das manifestações. A nota insinua que quem participasse dos atos públicos poderia ter o ponto cortado.

A atitude chocou os docentes. "Sou diretora do CAp e na minha escola não existe isso. O que existe é a consciência coletiva de que não podemos aceitar a destruição da Educação e da Previdência", criticou a professora Cristina Miranda.





IFCS foi o ponto de encontro. Placas da AdUFRJ conquistaram público

A declaração gerou revolta também entre parlamentares. O PSOL entrou com representação na Procuradoria Geral da República contra as ameaças do ministro. Num dos trechos da denúncia, os deputados do partido alegam que "é totalmente descabida a tentativa de proibir que tais atos sejam divulgados nos ambientes de trabalho e de estudo". E que "o direito à greve está consagrado na Constituição".

A presidente da AdUFRJ, Maria Lúcia Werneck Vianna, explicou a razão de tanta gente na rua. "Não houve nenhum recuo efetivo do governo. Ao contrário, os cortes continuam, os ataques ideológicos e políticos à imagem das universidades continuam muito fortes", afirmou.

Para o antropólogo Otávio Velho, professor Emérito do Museu Nacional, a universidade sofre uma combinação de ações para desmontar sua estrutura. "Não podemos chamar de retrocesso porque nunca houve algo assim. Tivemos censura e perseguição na ditadura, mas não houve esse estrangulamento".

Diretora da AdUFRJ, a professora Tatiana Sampaio abriu a primeira mesa, ainda pela manhã, sobre o trabalho docente. A atividade fazia parte da 14ª Semana de Educação da UFRJ, organizada por estudantes da Pedagogia e incorporada ao 30M. Pedro Mara, professor da educação básica e diretor do Ciep 210, em Belford Roxo, foi outro convidado. O docente chegou a responder a processo movido pelo então deputado estadual Flávio Bolsonaro, acusado de fazer apologia às drogas em sala de aula. Ele afirma que sofreu perseguição ideológica. "Eu desafio qualquer fascista a dar comida quente para alunos em três turnos com R$ 7 mil por mês. A ensinar em salas superlotadas com mais de 50 estudantes. A escola não pode ser silenciada".

Tatiana Sampaio afirmou que a universidade precisa estreitar as relações com as escolas públicas e que os programas de Extensão têm importante papel neste processo. Ela convidou publicamente o professor Pedro a ajudar a AdUFRJ a pensar estratégias de ampliar a atuação da UFRJ com escolas estaduais.

A Previdência foi tema de outra aula pública. O professor José Miguel Saldanha, da Escola Politécnica, apresentou pontos da reforma proposta pelo governo Bolsonaro que, na sua avaliação, são muito prejudiciais aos trabalhadores. O principal deles é a retirada das regras previdenciárias da Constituição Federal. "Será muito mais simples alterar a legislação para a aposentadoria, já que uma lei complementar, para ser votada, precisa de menos parlamentares que uma emenda constitucional".

A política anti-drogas do governo federal também foi alvo de críticas. Luciana Boiteux, professora da Faculdade Nacional de Direito, afirmou que a guerra às drogas incentivada pelo Estado é, na verdade, "uma guerra aos pobres". "Aqueles que são mais afetados pelos cortes em políticas públicas são justamente os que serão vítimas do sistema de controle do Estado: seja pelo extermínio, seja pelo encarceramento em massa".

Professores e estudantes da Escola de Música apresentaram poemas transformados em canções. "Devolvemos a poesia ao seu local de origem, que é a música", afirmou o professor Celso Ramalho. As baterias das Atléticas da UFRJ embalaram o cortejo do Largo de São Francisco até a Candelária, antes da saída da manifestação principal.

UFRJ S.A.

Parcerias com empresas

maior universidade federal do país fecha contratos e convênios há cinco décadas

KELVIN MELO
kelvin@adufrj.org.br

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, de 47 anos, nem tinha nascido quando a Coppe fez seu primeiro contrato institucional com uma empresa. Foi um projeto executado para Furnas Centrais Elétricas e coordenado pelo professor Rui Vieira da Silva, do Programa de Engenharia Civil, em 1970. De lá para cá, as universidades ampliaram e diversificaram suas relações com o mercado. Mas o titular do MEC, para indignação da comunidade acadêmica, ignora os fatos e tem cobrado que as instituições de ensino superior devem buscar recursos na iniciativa privada.

Weintraub nem precisava dar essas declarações. Os benefícios das parcerias com o mercado são conhecidos da Academia: "Ganham nossos alunos ao participar de um projeto aplicado, ao aliar, de fato, os conhecimentos adquiridos nos programas acadêmicos da UFRJ com necessidades do mundo real. Ganham as empresas ao se tornarem capazes de resolver problemas e desafios complexos, e, assim, serem competitivas", destaca o diretor de Tecnologia e Inovação da Coppe, professor Fernando Rochinha. "Ganha a UFRJ ao encontrar meios de financiar pesquisas e manter sua infraestrutura. Tudo isso de maneira articulada", completa.

"O ministro mostra total desconhecimento do sistema de Ciência e Tecnologia brasileiro", critica Fernando Peregrino, presidente do Confies, um conselho que reúne 96 fundações de apoio a universidades e institutos de pesquisa de todo o país. "As 96 fundações mobilizam mais de R$ 5 bilhões em 22 mil projetos por ano", esclarece.

Para ele, ao cobrar parcerias das universidades com o mercado e ao corroborar os contingenciamentos do governo nas universidades, o ministro também desconhece os efeitos econômicos e sociais do sistema para resolver problemas do país. Um exemplo é a conquista da autossuficiência na produção de petróleo: "A exploração em águas profundas é fruto de esforço da UFRJ e de várias outras universidades. O efeito econômico de o Brasil não precisar importar petróleo já seria suficiente para justificar todos os investimentos feitos no setor de Ciência e Tecnologia", diz.

Peregrino é diretor-executivo da Coppetec, a fundação criada pela Coppe, mas que hoje dá apoio a 41 de 52 unidades acadêmicas da UFRJ: "Se você computar todos os ativos que a Coppetec trouxe para a universidade, entre equipamentos, instalações... Só de 2004 pra cá, são R$ 3 bilhões a R$ 4 bilhões", afirma. E o dirigente destaca que as verbas são destinadas ao financiamento de das atividades-fim da instituição.

Mas os cortes do governo ocorrem justamente sobre as chamadas verbas discricionárias: de manutenção e investimento. Ou seja: sem luz, água, limpeza e vigilância, por exemplo, toda a relação com empresas que o ministro deseja para as universidades vai deixar de acontecer. E a UFRJ foi a universidade mais contingenciada pelo MEC, em valores absolutos, de acordo com levantamento da associação nacional de reitores das federais (Andifes). A instituição perdeu R$ 114 milhões.

"A campanha contra a universidade pública brasileira, responsável por 95% da produção científica do país, é totalmente equivocada. Assim como outras sociedades não souberam preservar suas conquistas e seguir inovando, tenho receio que os sucessivos cortes nos orçamentos da Educação e da Ciência e Tecnologia no país nos levem a um colapso, e que depois seja tarde demais para que algo possa ser feito para revertê-lo", diz trecho de artigo do diretor da Coppe, professor Edson Watanabe, divulgado há poucos dias no site da unidade.

No mesmo texto, Watanabe cita recente visita à UFRJ do presidente da Capes, Anderson Correia. No encontro, segundo o professor, Correia mostrou que, na área de Engenharia, a Coppe apresenta um patamar de cooperação com a indústria semelhante ao do Massachussets Institute of Technology (MIT) e superior ao da California Institute of Technology (Caltech) nos artigos científicos indexados. "Se a gente está competindo com MIT, não dá pra dizer que a gente é torre de marfim", diz Watanabe, em referência a uma das expressões utilizadas pelo ministro para criticar as universidades.

Fernando Peregrino ainda aponta um problema na relação com as empresas que é de responsabilidade do governo: a desindustrialização do país. "O motor da inovação, que é a indústria, está paralisado", retruca. As políticas macroeconômicas do país, há mais de 20 anos, de acordo com ele, são mais voltadas para importar tecnologias e dar frutos para o setor financeiro. "A indústria tem cada vez menos participação na formação do PIB (Produto Interno Bruto)", explica.

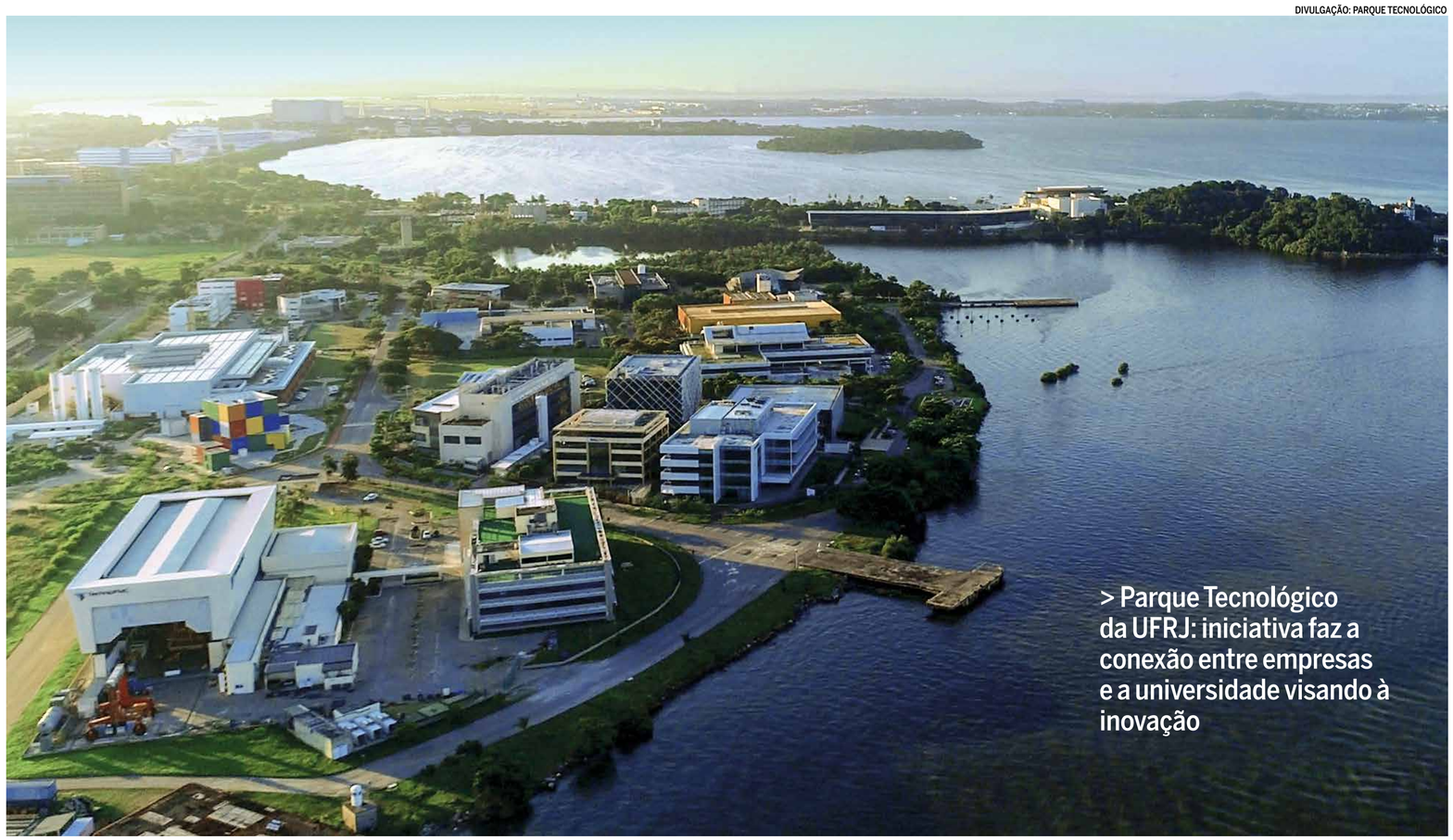
A dificuldade de atrair empresas é confirmada pela Superintendente Técnico-Científica e Cultural da Fundação Universitária José Bonifácio (FUJB), professora Helena Ibiapina. "Os empresários brasileiros não têm tradição de investir em pesquisas ou em atividades desenvolvidas nas universidades federais". De acordo com ela, desde 2004, a FUJB desenvolve um projeto de captação de recursos chamado "Carta ao empresário".

O objetivo do programa é entrar em contato com uma empresa que desenvolve atividades em área de conhecimento coincidente com um ou mais laboratórios da UFRJ e apresentar a potencialidade de uma parceria. "Ao longo deste período, contatamos 19 empresas. Somente obtivemos sucesso com uma empresa de ônibus que patrocinou a ida de um grupo de alunos do NCE para Salvador, ainda em 2004", lamenta Ibiapina.

Apesar dos obstáculos, a FUJB também alcança números significativos ao intermediar a relação entre a universidade e o mercado. Em 2018, 35 empresas investiram R$ 11 milhões na instituição. Contando recursos públicos e privados, a fundação movimentou mais de R$ 60 milhões no ano passado.

A Coppetec mantém atualmente 74 parcerias, sendo mais de 60 com empresas privadas ou de capital misto. No ano passado, foram captados R$ 391 milhões. deste total, aproximadamente R$ 220 milhões foram investidos pelo setor de petróleo e gás. Por questões de confidencialidade de contrato, as fundações não podem revelar os dados por empresa.

DIVULGAÇÃO: PARQUE TECNOLÓGICO



> Parque Tecnológico da UFRJ: iniciativa faz a conexão entre empresas e a universidade visando à inovação

NÚMEROS

NOS ÚLTIMOS 15 ANOS
Recursos aplicados pela Coppetec na UFRJ somam mais de
R$ 3 bilhões

DE 2010 ATÉ 2018
Empresas instaladas no Parque aplicaram na universidade
R$ 229 milhões

EM 2018
A Fundação Coppetec captou
R$ 390,6 milhões
Deste montante, vieram do setor de petróleo e gás
R$ 220 milhões

FUJB administrou mais de
R$ 60 milhões
Deste total
R$ 11 milhões
sendo de empresas

PARQUE TECNOLÓGICO
Empresas
15 grandes
10 pequenas e médias
32 startups

INCUBADORA DE EMPRESAS DA COPPE
29 startups

DESDE 1994
Incubadora já apoiou a geração de
101 empresas

PARQUE TECNOLÓGICO E INCUBADORA SÃO OUTRAS FORMAS DE RELAÇÃO COM O MERCADO

Na UFRJ, outra forma de o mercado interagir com a universidade é através do Parque Tecnológico. Hoje, o local abriga 15 grandes empresas, 10 pequenas e médias e 32 startups (empresas jovens e inovadoras). Das 15 grandes companhias, duas delas – a GE e a L´Oréal – estão localizadas na Ilha de Bom Jesus, na Ilha da Cidade Universitária.

De 2010 até 2018, as empresas instaladas no local aplicaram R$ 229 milhões na instituição. Até o fechamento desta edição, a assessoria disse que não teria condições de isolar o investimento feito apenas no ano passado. A gerente de Articulações Corporativas do parque, Luciamar Dantas, esclarece que as mediações com as pesquisas também são feitas via Coppetec.

"A missão do Parque é a conexão entre universidade e empresas e não fazemos uma conexão qualquer. Nós visamos à inovação", afirma Luciamar. "As empresas vêm para cá pois acreditam que a UFRJ tem ativos muito valiosos para torná-las mais competitivas", completa.

No parque, está instalada também a Incubadora de Empresas da Coppe, que atualmente abriga 29 startups. Desde 1994, a iniciativa já apoiou a geração de 101 empresas. A gerente do parque explica que estas firmas surgem dos grupos de pesquisa da própria universidade. São formadas por alunos que participaram de um projeto para resolver um problema do mercado. "Num determinado momento, a universidade apresenta um relatório ou um protótipo. Mas a indústria, muitas vezes, não quer implantar aquela solução", afirma Luciamar. Por exemplo, a Coppe entrega um protótipo de robô para a Petrobras, mas a petrolífera não vai construir robôs para suas plataformas. Existe a necessidade de um fornecedor. "A startup ajuda a fazer a transferência dessa tecnologia (para o fornecedor). O papel da incubadora é fazer esses cientistas se tornarem empreendedores", destaca Lucimar.

Ainda ao cobrar que as universidades deveriam obter recursos no mercado, o ministro afirmou que as instituições deveriam ser transformadas em incubadoras de empresas. "Várias universidades brasileiras construíram incubadoras há décadas. O sistema de inovação envolvendo startups criadas com o apoio das incubadoras vem se densificando e sofisticando. Nosso Parque Tecnológico é um ótimo exemplo", observa Fernando Rochinha. O professor faz uma ressalva: "No entanto, o retorno financeiro ou monetário para universidade é sempre pequeno. Aliás, esse não é objetivo. O importante é que as universidades possam contribuir de maneira proativa na construção de uma economia moderna e inovadora, a partir da criação de novas empresas, frequentemente de base tecnológica"

O diretor de Inovação da Coppe relata que também é baixo o retorno financeiro mesmo quando uma startup passa a comercializar um produto (ou serviço) no qual é coproprietária com a universidade. "Cumpre salientar que todos recursos advindos com a criação das startups são muito bem-vindos, porém, isso é menos frequente do que o desejado". Ele acrescenta: "Espera-se que essas empresas tenham grande sucesso, mas isso tipicamente acontece alguns anos depois de terem saído dos ambientes de incubação".

Os especialistas consultados pela reportagem não conhecem um ranking que compare as universidades de todo o mundo nesta relação com o mercado. Mas, para o diretor de Inovação da Coppe, professor Fernando Rochinha, se um levantamento levar em conta recursos obtidos com projetos em parceria, envolvimento de alunos, melhorias na infraestrutura de pesquisa e desafios científicos e tecnológicos, "tenho certeza absoluta que estaríamos (UFRJ) muito bem localizados em um panorama internacional".



INCUBADORA DE EMPRESAS: Papel é transformar cientistas formados pela UFRJ em empreendedores

Coppe escolhe diretoria nos dias 4 e 5 de junho

> Será a primeira disputa entre duas chapas para a diretoria da instituição após três mandatos em que havia apenas uma única chapa. Docentes, alunos, técnicos e pesquisadores pós-doc votam

ANA PAULA GRABOIS
anapaula@adufrj.org.br

Maior centro de ensino e pesquisa em engenharia da América Latina, a Coppe (Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia) escolhe a próxima diretoria na terça-feira e na quarta-feira. Será a primeira disputa entre duas chapas desde 2003, quando foi eleita Angela Uller, primeira mulher a dirigir a instituição. As três direções seguintes foram eleitas a partir de chapas únicas.

Estão aptas a votar cerca de 3.700 pessoas, entre professores, alunos, pesquisadores de pós-doutorado e funcionários estatutários e celetistas – estes, com ao menos um ano de vínculo (completo em 2 de abril).

Para o próximo quadriênio, de 2019 a 2023, concorrem na chapa 1 "Novo Ciclo" José Carlos Pinto como candidato a diretor e Theodoro Netto como seu vice. José Carlos Pinto é professor do programa de Engenharia Química e diretor do Parque Tecnológico da UFRJ nos últimos quatro anos. Antes, foi diretor de Pesquisa e Desenvolvimento da Coppe (2013-2015) e diretor executivo da Fundação Coppetec (2011-2015). Seu vice na chapa 1 é professor da Engenharia Oceânica e atua no Laboratório de Tecnologia Submarina.

A chapa 2 "Coppe Unida" é composta por Romildo Toledo e Suzana Kahn. Romildo, da Engenharia Civil, é o atual vice-diretor da Coppe e foi diretor de Tecnologia e Inovação (2013-2015). Na Coppe, ainda coordena o Núcleo de Materiais e Tecnologias Sustentáveis e o Centro Brasil-China de Mudanças Climáticas e Energias Renováveis. Já Suzana Kahn é do programa de Engenharia de Transportes, com pesquisas na área de sustentabilidade.

Com 55 anos de atuação, a Coppe tem como um dos seus principais desafios a expansão das parcerias com o setor privado diante do corte de verbas e de bolsas na universidade pública, a manutenção da excelência acadêmica e a assistência aos alunos, incluindo a preocupação com a saúde mental dos estudantes. Na quarta-feira, foi realizado um debate entre os candidatos das duas chapas que lotou o auditório do bloco G do Centro de Tecnologia.

"O momento nacional é hostil a quem defende a universidade pública e gratuita. A chapa 2 tem esse posicionamento de defesa da universidade pública", afirmou Romildo Toledo, para quem a Coppe deve manter o padrão de qualidade. "A Coppe é uma história de sucesso que devemos manter e aperfeiçoar", completou. Na área acadêmica, o professor propôs atualizar os programas em um esforço de aumentar a interdisciplinaridade, criar métricas para avaliar o ensino e para medir o impacto social do trabalho realizado na instituição.

Durante o debate, Suzana Kahn reforçou a sugestão de uma maior interdisciplinaridade ligada à economia de baixo carbono, à transformação digital e à inovação. Também propôs atrair novas fontes de recursos através de fundos patrimoniais e do terceiro setor.

Já o candidato a diretor da chapa 1, José Carlos Pinto, também se disse favorável à "universidade pública, gratuita e autônoma com igualdade de oportunidades e excelência acadêmica". Chapa de oposição à atual direção, disse que a Coppe precisa ter uma gestão mais participativa e colegiada. "O país e a própria instituição vivem um momento de transição. A gente está interagindo pouco, se integrando pouco e se vendo pouco. E todas as informações de Brasília apontam para um período de maior dificuldade em que a Coppe terá que se renovar".

Já o seu vice de chapa, Theodoro Netto, propôs uma maior representatividade dos alunos nos órgãos colegiados da Coppe. "Aos que são admitidos é preciso melhorar o suporte de estadia, principalmente para quem vem de fora do Rio", disse Netto. O professor também sugeriu a criação de uma associação estudantil e outra formada por ex-alunos.

As urnas para votação ficarão nos blocos B, G e H do Centro de Tecnologia da UFRJ. A votação ocorre entre 9h e 16h nos dois dias.

CHAPA 1 'NOVO CICLO'



JOSÉ CARLOS PINTO
Candidato a diretor



THEODORO NETTO
Candidato a vice-diretor

> O país e a própria instituição vivem um momento de transição. Estamos interagindo pouco, nos integrando pouco e nos vendo pouco. Todas as informações de Brasília apontam para um período de maior dificuldade em que a Coppe terá que se renovar.

CHAPA 2 'COPPE UNIDA'

FOTOS: DIVULGAÇÃO /COPPE



ROMILDO TOLEDO
Candidato a diretor



SUZANA KAHN
Candidata a vice-diretora

> O momento nacional é hostil a quem defende a universidade pública e gratuita. A chapa 2 tem esse posicionamento de defesa da universidade pública. Nosso modelo deve ser mantido. A Coppe é uma história de sucesso que devemos manter e aperfeiçoar.

ASSINADA A NOMEAÇÃO DA PRIMEIRA REITORA DA UFRJ



SILVANA SÁ
silvana@adufrj.org.br

A espera finalmente acabou. Depois de 31 dias de dúvidas, o presidente Jair Bolsonaro assinou a nomeação da primeira reitora da UFRJ. A professora Denise Pires de Carvalho foi escolhida pela comunidade acadêmica com 9.427 votos e teve o nome referendado pelo Colégio Eleitoral, em 30 de abril. O presidente chegou a declarar que nomearia a professora no dia 20 de maio, mas manteve o suspense até o dia 31. A nomeação deve ser publicada no Diário Oficial da União da próxima segunda-feira, 3 de junho.

Tanto a declaração do presidente, quanto a notícia da nomeação, acenderam uma luz no fim do túnel das universidades que estão na fila pela nomeação e posse de seus dirigentes máximos. E é vista como termômetro da relação do presidente com as instituições de ensino superior.

Até agora, quatro delas aguardam a confirmação de seus próximos reitores. O caso mais delicado é o da Universidade Federal da Grande Dourados, que teve seu processo eleitoral questionado pelo Ministério da Educação. Lá, o mandato da atual gestão se encerrou oficialmente neste dia 31 de maio.

A assessoria de imprensa da instituição disse que a comunidade acadêmica aguarda confiante a nomeação. E que ainda não sabe como o governo resolverá a questão do fim do mandato da atual reitoria. Ainda de acordo com a assessoria, a comunidade acadêmica não trabalha com a ideia de realizar novas eleições.

A nova reitora iniciou sua agenda de compromissos mesmo antes da oficialização. Ela esteve com o secretário de Educação Superior do MEC, Arnaldo Barbosa de Lima Júnior, em 21 de maio. A professora pediu apoio para o projeto executivo de reconstrução do Museu Nacional, destruído em setembro passado por um incêndio. "Fui muito respeitada no encontro, tratada como reitorada, muito embora ainda não fosse efetivamente nomeada. Houve bastante sensibilidade do secretário com essa pauta", avalia Denise.

Primeira mulher a dirigir a maior universidade federal do país, ela reconhece os desafios que tem pela frente. "Temos que avançar em muitos pontos. Ampliar a nossa internacionalização é uma questão. Outra preocupação é atuar de maneira integrada entre as pró-reitorias acadêmicas, para que a UFRJ volte a ser protagonista no país. A infraestrutura também é um assunto urgente", afirma.

O programa de assistência estudantil está entre as maiores preocupações. "Sem estudantes, sem pesquisadores, nossa universidade não existe. Nós democratizamos o acesso, precisamos dar condições de permanência aos nossos estudantes", declara. "Isto inclui bolsas para a graduação, mas também para a pós-graduação", completa.

O vice-reitor, Carlos Frederico Leão Rocha, professor do Instituto de Economia, afirma que sua administração manterá uma relação republicana com o governo. "Vamos sempre buscar o diálogo para que a gente tenha uma universidade ativa e que responda aos anseios da população", pontua.

O reitor Roberto Leher afirmou que a reitoria sempre acreditou que o governo respeitaria a escolha do Colégio Eleitoral. "A nomeação confirmou nossa confiança de que a institucionalidade da UFRJ será preservada", disse.

CONHEÇA A NOVA EQUIPE



Carlos Frederico Leão Rocha
Vice-reitor
É professor Titular do Instituto de Economia. Foi diretor do IE entre 2011 e 2015, quando integrou a diretoria da AdUFRJ.



Gisele Viana Pires
Pró-reitora de Graduação
Professora Associada da Medicina. Ocupou a pró-reitoria e superintendência da PR-1 na gestão do ex-reitor Carlos Levi.



Denise Freire
Pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa
É professora Titular do Instituto de Química. Coordena o Laboratório de Biotecnologia Microbiana do IQ.



Eduardo Raupp
Pró-reitor de Planejamento, Desenvolvimento e Finanças
É professor Associado do Instituto Coppead. Foi decano de Finanças da UnB. É diretor da AdUFRJ.



Luzia Araújo
Pró-reitora de Pessoal
É servidora técnica-administrativa da UFRJ e atua no setor de pessoal do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho.



Ivana Bentes
Pró-reitora de Extensão
É professora Titular e diretora da Escola de Comunicação. Foi secretária de Cidadania e Diversidade Cultural do MinC.



André Esteves
Pró-reitor de Gestão e Governança
É servidor técnico-administrativo. Coordenou a área de contratos do Inmetro. É o atual pró-reitor da área na gestão Leher.



Roberto Vieira
Pró-reitor de Políticas Estudantis
É servidor técnico-administrativo. É superintendente Executivo de Acesso e Registro da PR-1 na gestão de Roberto Leher.

NOTAS

CORREIOS FECHA AGÊNCIA NO CENTRO DE TECNOLOGIA

A empresa de Correios e Telégrafos anunciou o fechamento da agência localizada nos fundos do Bloco C do CT. De acordo com a assessoria de imprensa do órgão, a medida acontece também com outras 30 agências no Rio de Janeiro. Ainda segundo os Correios, a agência do Centro de Ciências da Saúde permanecerá aberta e absorverá a demanda do CT. A Coppe é uma das unidades atendidas pela agência em extinção e se preocupa com as consequências da transferência do serviço.

MUSEU NACIONAL COMEMORA 201 ANOS EM JUNHO, NA QUINTA

Nos dias 8 e 9 de junho, o Museu Nacional realizará uma série de atividades na Quinta da Boa Vista em comemoração aos seus 201 anos. A instituição científica mais antiga do Brasil apresentará oficinas, rodas de conversa, mostras e atividades culturais. A programação é feita em parceria com o Sesc e acontecerá das 10h às 16h. A entrada é franca e recomendada a todas as idades. Crianças são mais que bem-vindas. A Quinta fica localizada no Bairro Imperial de São Cristóvão, na zona norte.

JOÃO LAET / ARQUIVO ADUFRJ



MUSEU VIVE Atividades abertas ao público voltam a agitar a Quinta

MEC DÁ POSSE A REITORES DA FEDERAL DE VIÇOSA E DA UFRN

Os professores José Daniel Diniz Melo, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e Demetrius David da Silva, da Universidade Federal de Viçosa (UFV) tomaram posse como reitores no dia 28. A cerimônia foi conduzida pelo ministro da Educação, Abraham Weintraub. Os reitores foram eleitos em novembro passado e encabeçavam as listas tríplices enviadas ao governo federal ainda no final do ano. Aguardam na fila reitores de outras cinco universidades, inclusive da UFRJ.

REITORIA CONTESTA MINISTRO SOBRE MUSEU NACIONAL

A reitoria da UFRJ contestou um vídeo gravado pelo ministro da Educação, Abraham Weintraub, sobre o Museu Nacional. No vídeo de pouco mais de um minuto reproduzido em sua conta pessoal no Twitter na quinta-feira, Weintraub se apresentou com um guarda-chuva para dizer que choviam "fake news" no MEC. Para se defender da acusação de que o ministério era o responsável pela paralisação da reconstrução da unidade, Weintraub atacou, jogou a culpa na universidade e ainda falou que o reitor não tinha conseguido explicar o incêndio. Também disse que a UFRJ não apresentou um projeto para gastar os recursos de uma emenda da bancada parlamentar do Rio de R$ 55 milhões – e contingenciada em R$ 11,9 milhões.

"A UFRJ solicitará ao ministro que preste esclarecimentos sobre o trecho em que menciona o reitor, afirmando que este 'não conseguiu explicar' o ocorrido. Surpreende-nos que o ministro desconsidere o laudo técnico divulgado pela Polícia Federal sobre as circunstâncias do incêndio, bem como o trabalho desempenhado pelo Tribunal de Contas da União, Ministério Público Federal e sindicância interna conduzida por renomados especialistas da UFRJ, sobre as causas do ocorrido", diz nota da reitoria.

No documento, a administração central afirma que a liberação dos recursos da emenda "é de crucial importância para que os processos licitatórios gerem confiança nos concorrentes, atraindo as empresas com melhores preços e maior capacidade de execução contratual". A universidade informou ter enviado um plano de trabalho da reconstrução ao ministério, na véspera do vídeo e detalhou as licitações que serão custeadas pela emenda.

A bancada federal do Rio explicou que o contingenciamento nas verbas do Museu Nacional se deveu a um corte linear de 21,63% em todas as emendas parlamentares, obedecendo a um decreto do governo. "A obra do Museu é mais importante do que a da UFF?", questionou o deputado federal Hugo Leal (PSD-RJ), para justificar a decisão. A Federal Fluminense, que receberia R$ 26 milhões para obras na Faculdade de Medicina, perdeu R$ 6 milhões. Mas, ainda de acordo com o parlamentar, por orientação legal, a bancada vai aplicar recursos na obra do museu até a conclusão.

Enquanto as autoridades discutem, o diretor do Museu Nacional, Alexander Kellner, sofre com o cotidiano: "Não tenho verba para os contêineres, nem para comprar os computadores, nem para as luvas que são usadas para o resgate (de peças nos escombros)", lamentou. **(Giulia Ventura e Julia Noia)**



MUSEU DA GEODIVERSIDADE, UM TESOURO A SER EXPLORADO

> Localizado no Fundão, museu é o único repositório de geociências em funcionamento no Rio de Janeiro

■ Uma das peças mais raras do museu é uma amostra de ferro bandado da Groenlândia. Com aproximadamente 3,8 bilhões de anos, faz parte da primeira exposição fixa, "Memórias da Terra", datada de 2011.

GIULIA VENTURA E JULIA NOIA
comunica@adufrj.org.br

O Museu de Geodiversidade, localizado no bloco F do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN), vai virar dissertação de Mestrado. Renan Gomes, aluno do Programa de Pós-graduação em Geologia, iniciou no ano passado uma pesquisa sobre a relação dos visitantes com o acervo do local e o valor científico de cada peça em exposição.

Criado em 2007 e pouco conhecido até por quem frequenta a Cidade Universitária, o museu reúne aproximadamente 20 mil exemplares de rochas, minerais, fósseis, artefatos e reconstituições de animais já extintos, entre outros objetos. É o único repositório de geociências em funcionamento no Rio de Janeiro.

"Temos diversos patrimônios geológicos na nossa exposição. De fósseis de bilhões de anos a minerais raríssimos na superfície terrestre", afirma Gomes. "Isso mostra a diversidade que existe no planeta, que faz parte da nossa vida e que passa despercebida", completa. Na pesquisa, além do estudo das peças expostas, o objetivo do estudante é perceber como os visitantes se apropriam das informações, "levando em conta que o museu se propõe a narrar uma história".

"A própria exposição serve como espaço interdisciplinar de conhecimento. A geociência não se forma somente com conhecimento geológico. Precisa de conhecimento químico, físico, biológico", explica o mestrando, que foi bolsista de extensão no museu por quatro anos durante o seu curso de Graduação.

Para a diretora do museu e orientadora do projeto, Kátia Mansur, a pesquisa é inovadora no estudo dos visitantes e de suas impressões sobre a mostra. "Estamos muito interessados em saber como as pessoas valorizam ou não objetos fora de sua área de ocorrência", afirma.

Aline Castro, vice-diretora do museu, informa que o espaço recebe cerca de 8 mil visitantes por ano. "É um número considerável levando em conta a localização do museu e a abertura apenas de segunda-feira a sexta-feira", destaca.

FOTOS: GIULIA VENTURA



Embora grande parte do público seja de alunos da UFRJ, o local recebe muitos alunos de escolas particulares e públicas do ensino básico.

Na idealização do Museu de Geodiversidade, a acessibilidade foi considerada. Para a devida inclusão de deficientes visuais, auditivos e intelectuais, foram tomadas iniciativas simples como a inserção da linguagem braille, a contratação de intérpretes de libras e permissão para que parte do acervo possa ser tocado. "Tentamos ser um museu realmente para todos", constata a vice-diretora. Segundo ela, a experiência do toque instiga e motiva os visitantes.

O Museu de Geodiversidade é mantido por recursos que a UFRJ repassa para o Instituto de Geociências. Na organização das exposições, além da verba da universidade, a direção do museu também recebe contribuições da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep).

■ Aberto de segunda a sexta, o local recebe 8 mil visitantes por ano. O museu é mantido com recursos da UFRJ, da Faperj, do CNPq e da Finep

■ Ornamentos feitos com calcário de Liós. As rochas vieram de Portugal no século XVIII para a construção da Igreja dos Jesuítas (nunca terminada), no Morro do Castelo. No material, é possível perceber a presença de fósseis de conchas



■ Réplica do *Cratoavis cearensis*. Seus restos fósseis foram encontrados em Nova Olinda, no estado do Ceará



■ O *Purusaurus brasiliensis* foi o maior jacaré que já existiu, com 15 metros de comprimento. Pesava cerca de 4 toneladas. A espécie habitava lagos do Norte do Brasil há 8 milhões de anos.

AdUFRJ
JORNALDA**ADUFRJ** / **REDAÇÃO: COORDENAÇÃO:** ANA BEATRIZ MAGNO **CHEFIA DE REPORTAGEM:** KELVIN MELO **EDIÇÃO** ANA PAULA GRABOIS, KELVIN MELO E SILVANA SÁ **REPORTAGEM** ANA PAULA GRABOIS, ELISA MONTEIRO, KELVIN MELO E SILVANA SÁ **DESIGN** ANDRÉ HIPPERTT **ESTAGIÁRIAS** GIULIA VENTURA E JULIA NOIA **TI** EDUARDO VALDOSKI
DIRETOR RESPONSÁVEL PELA COMUNICAÇÃO FELIPE ROSA